

DOSSIÊ

DIVERSIDADE NO JORNALISMO DA AMÉRICA LATINA: pistas conceituais



ROBSON ROQUE¹

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – Ceará – Brasil
ORCID: 0000-0001-8681-0116

EDGARD PATRÍCIO²

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – Ceará – Brasil
ORCID: 0000-0002-3130-8628

DOI: 10.25200/BJR.v21n3.2025.1806

Recebido em: 15/01/2025

Desk review: 27/04/2025

Editor de desk review: Marcos Paulo da Silva

Revisado em: 22/08/2025

Revisado em: 11/10/2025

Aprovado em: 13/10/2025

How to cite this article: Roque, R., & Patrício, E. (2025). Diversity in Latin American Journalism: conceptual insights. *Brazilian Journalism Research*, 21(3), e1806. DOI: 10.25200/BJR.v21n3.2025.1806

RESUMO – O artigo propõe um quadro conceitual como aporte teórico-metodológico sobre iniciativas jornalísticas caracterizadas pela aproximação com segmentos sociais progressistas e que se posicionam como construtoras de 'outro jornalismo possível', para além do assentado nos princípios de neutralidade e objetividade. Cinco tipologias são apresentadas como modelos típico-ideais: Arranjos Jornalísticos, Jornalismo Alternativo, Jornalismo Comunitário, Jornalismo Independente e Jornalismo das Periferias. Elas se fundamentam em uma revisão sistemática de literatura, conjugada à análise de conteúdo, de 50 artigos revisados por pares com foco na América Latina. Autores dos artigos foram contatados para contribuírem com o debate sobre a dispersão conceitual identificada em 21 expressões usadas para nomear as experiências de jornalismo.

Palavras-chave: Jornalismo convencional. Outro jornalismo possível. Dispersão conceitual.

1 Universidade Federal do Ceará – Brasil. E-mail: francisorobsonpr@gmail.com

2 Universidade Federal do Ceará – Brasil. E-mail: edgard@ufc.br

DIVERSITY IN LATIN AMERICAN JOURNALISM: conceptual insights

ABSTRACT – The article proposes a conceptual framework as a theoretical-methodological contribution to the study of journalistic initiatives characterized by their connection with progressive social segments and their positioning as builders of “another possible journalism”, beyond the principles of neutrality and objectivity. Five typologies are presented as ideal-typical models: Journalistic Arrangements, Alternative Journalism, Community Journalism, Independent Journalism, and Peripheral Journalism. They are grounded in a systematic literature review, combined with content analysis, of 50 peer-reviewed articles focused on Latin America. The authors of these articles were contacted to contribute to the debate on the conceptual dispersion identified in 21 expressions used to name journalism experiences.

Key words: Conventional journalism. Another possible journalism. Conceptual dispersion.

DIVERSIDAD EN EL PERIODISMO DE AMÉRICA LATINA: pistas conceptuales

RESUMEN – El artículo propone un marco conceptual como aporte teórico-metodológico sobre iniciativas periodísticas caracterizadas por su aproximación a segmentos sociales progresistas y que se posicionan como constructoras de “otro periodismo posible”, más allá de los principios de neutralidad y objetividad. Se presentan cinco tipologías como modelos tipo-ideales: Arreglos Periodísticos, Periodismo Alternativo, Periodismo Comunitario, Periodismo Independiente y Periodismo de las Periferias. Estas se fundamentan en una Revisión Sistemática de la Literatura, combinada con Análisis de Contenido, de 50 artículos arbitrados con foco en América Latina. Los autores de dichos artículos fueron contactados para contribuir al debate sobre la dispersión conceptual identificada en 21 expresiones utilizadas para nombrar las experiencias de periodismo.

Palabras clave: Periodismo convencional; Otro periodismo posible; Dispersión conceptual

1 Introdução

Na América Latina, uma variedade crescente de iniciativas jornalísticas se expandiu no contexto de uma sociedade midiaticizada e plataformizada. As pesquisas sobre estas iniciativas proporcionam uma gama de termos propostos para sua compreensão, presumindo, a princípio, uma dispersão conceitual (Patrício, 2023; Silveira & Ramos, 2022; Filho & Silva, 2019; Grohmann et al., 2019; Fígaro, 2018). Como resultado, o cenário exige novos referenciais teórico-metodológicos para acompanhar a constante transformação do jornalismo. Não se trata de abandonar perspectivas tradicionais no campo, mas estar aberto a outras percepções. As terminologias utilizadas podem ser

analisadas pelo ângulo da construção de fronteiras na busca por delimitar o campo jornalístico, o que gera “(re)conceitualizações contínuas” (Loosen et al., 2022).

No foco mais restrito de nossa pesquisa, identificamos 21 expressões distintas que seguem a proposição de outro jornalismo possível, questionando o modelo de produção convencional. Um primeiro passo, indutivo, consistiu em agrupá-las com base em termos correlatos, processo que se converteu em cinco tipos principais: Arranjos Jornalísticos, Jornalismo Alternativo, Jornalismo Comunitário, Jornalismo Independente e Jornalismo das Periferias. Cada modelo deve ser entendido como um “conceito sensibilizador” que fornece ao pesquisador “um sentido geral de referência e orientação na abordagem de casos empíricos” e que “apenas sugere direções ao longo das quais olhar” (Blumer, 1954, p. 7).

A tipologia é um ponto de partida composto por definições e características de cada modelo típico-ideal (Giddens & Sutton, 2017; Weber et al., 1982) – com distinções e complementaridades uns dos outros. Não existe hierarquia entre eles; todos são ângulos distintos de se perceber, praticar, difundir e sustentar a atividade jornalística. Vistos em conjunto, os modelos evidenciam manifestações ao mesmo tempo discursivas e concretas do jornalismo – portanto, passíveis de serem analisadas empiricamente.

Neste contexto, o artigo propõe algumas questões para lidar com a dispersão conceitual: como os modelos de jornalismo são acionados no discurso acadêmico? O que cada um deles procura designar? Existem elementos que os distinguem entre si? E quais as aproximações possíveis? As indagações nos permitem avaliar os papéis de cada modelo típico-ideal na pesquisa, bem como os interesses que despontam como significativos por meio deles. Para isto, partimos de uma revisão sistemática de literatura (RSL), conjugada à análise de conteúdo, de artigos científicos revisados por pares oriundos de pesquisas com foco na América Latina.

2 Dispersão conceitual em estudos de jornalismo

A diversidade de perspectivas no jornalismo é decorrente de diferentes tradições e correntes acadêmicas associadas às particularidades dos contextos onde as práticas jornalísticas estão inseridas. “As realidades designam a matéria-prima por excelência

do jornalismo! Ele, ao mesmo tempo, constitui e é constituinte dessas realidades” (Patrício, 2023, p. 98). Na América Latina, particularmente, a ênfase em estudos críticos concebe o jornalismo historicamente como uma atividade imersa em relações de poder (Freire, 2014; Kaplún, 2013; Kucinski, 2018; Kaplún & García, 1985). O cenário local contrasta com a perspectiva de matriz funcionalista comumente observada no caso estadunidense.

A heterogeneidade no campo é simultaneamente uma força e um desafio: enquanto contribui para enriquecer os debates e ampliar os horizontes interpretativos, também dificulta a convergência conceitual. Ela enfraquece, portanto, a postulação do jornalismo como uma disciplina ou ciência, e campo de pesquisa. As posturas acadêmicas em torno da diversificação de abordagens de e sobre o jornalismo têm origem na constatação e aceitação de sua interdisciplinaridade (Braga, 2020) ou pelo entendimento de que se trata de um subcampo da Comunicação (Löffelholz & Rothenberger, 2014; Meditsch, 2010; Silva, 2009). Existem, ainda, tentativas de disciplinarização, com vistas a consolidar uma “ciência jornalística” (Groth, 2011), por meio da busca por coerência e consensos no campo.

Estes entendimentos incidem diretamente nas maneiras como a teoria é compreendida e empregada na investigação jornalística. Ahva e Steensen (2019) identificam três atitudes distintas em relação à adoção de teorias no campo jornalístico. A primeira delas constitui uma atitude padrão, que implica concebê-la como conhecimento acumulado a partir de regularidades identificadas ou idealizadas. A segunda atitude, sócio-filosófica, envolve o entendimento da teoria como resultante de investigações. Na terceira atitude, pragmatista-participativa, que caracteriza a maior parte dos estudos de jornalismo, a teoria não é necessariamente o ponto de partida das pesquisas acadêmicas. Isto significa que as pesquisas em jornalismo são mais intensamente influenciadas por trabalhos empíricos do que teóricos.

Ilustrativamente, dos 50 artigos que compõem a amostra de nossa revisão de literatura sobre iniciativas de jornalismo na América Latina, 44 são trabalhos empíricos (88%) e apenas seis são teórico-conceituais (12%). Dois fatores podem explicar o privilégio à pesquisa empírica: o desejo do pesquisador de permanecer em contato com a prática jornalística investigada, o que, inclusive, aproxima a academia das experiências jornalísticas; além da ausência de teorias específicas que, se existissem, seriam reconhecidas como fundamento nos percursos teórico-metodológicos de investigações acadêmicas de e

sobre o jornalismo. Em todo caso, a reflexão teórica não deve ser desprezada, o que significa que a investigação acadêmica não pode prescindir de “algum tipo de teoria” (Kuhn, 1978, p. 87).

Uma vez que o jornalismo não opera fundamentado em um paradigma único, quais fatores influenciam a dispersão conceitual especificamente no que diz respeito às iniciativas jornalísticas baseadas na América Latina? No plano teórico, a diversidade de termos e expressões usados para nomeá-las é resultado das próprias decisões e filiações teóricas dos pesquisadores que conduzem as investigações no continente. Também é produto das manifestações concretas de cada contexto de pesquisa e, claro, das percepções e discursos das próprias iniciativas jornalísticas.

A dispersão também é resultado de alguns olhares sobre as iniciativas em termos de estruturas organizacionais, propriedade de mídia, formas de sustentabilidade financeira, contato (ou falta dele) com o público, dentre outros. No plano metodológico, opções que incidem sobre o recorte geográfico e temporal também são fatores que influenciam a variedade de termos usados nos estudos. Isto dá a ver que uma mesma nomenclatura pode significar coisas diferentes, a depender dos contextos de análise.

Os contextos cultural, econômico e político também desempenham um papel relevante na complexidade do jornalismo. Nas realidades latino-americanas, as distinções se estabelecem até mesmo dentro de regiões ou estados/províncias das federações, nos quais a prática jornalística em zonas centrais é diferente do que é percebido em espaços periféricos. As diferenças regionais, desse modo, evidenciam que o jornalismo é moldado por condições históricas e estruturais específicas, resultando na dificuldade de categorização sob um único paradigma. Assim como os fenômenos sociais, as iniciativas jornalísticas estão inseridas em cenários “plurais, complexos e permeados de nuances que escapam às rígidas classificações” (Rovida, 2020, p. 165).

Tudo isto significa que a dispersão conceitual não é um indicativo de que o jornalismo, enquanto um campo epistêmico, é frágil. Ao contrário, evidencia uma área de interesses acadêmicos e práticas profissionais que necessitam de uma revalidação constante frente às demandas e realidades de uma sociedade em transformação. O reconhecimento dessa complexidade é um primeiro passo, essencial para a construção de tipologias e conceitos representativos que abarquem, sem a pretensão de esgotar, aspectos cruciais das iniciativas jornalísticas que ampliam a compreensão do fenômeno jornalístico.

3 Método: revisão sistemática de literatura e análise de conteúdo

Os cinco tipos ideais de jornalismo propostos neste artigo, visando a adentrar a dispersão conceitual, surgiram de uma revisão sistemática de literatura (RSL) de artigos científicos revisados por pares com foco de interesse – empírico ou teórico-conceitual – nas realidades da América Latina, publicados entre janeiro de 2013 e setembro de 2024. A RSL foi conjugada à análise de conteúdo (AC) desde as etapas iniciais com a finalidade de garantir validade, confiabilidade e replicabilidade, pressupostos epistemológicos compartilhados pelas duas técnicas (Lycarião et al., 2023).

A AC apresenta uma variedade de aplicações, podendo ser a principal técnica de uma pesquisa, um método intermediário ou usada em conjunto com outras técnicas, como análise de conteúdo de entrevistas, por exemplo (Sampaio & Lycarião, 2021). No nosso caso, a AC foi empregada a fim de garantir procedimentos sistemáticos para a seleção de estudos relevantes, contribuindo, sobretudo, nas fases de seleção e codificação de pesquisas. “Em ambos os momentos, são indicados procedimentos comuns à AC para estabelecer a confiabilidade da RSL” (Lycarião et al., 2023, p. 4).

Um Livro de Códigos (LdC) foi previamente elaborado para servir como um manual de codificação nas etapas de busca, seleção, codificação e análise das pesquisas. Com base em critérios de elegibilidade, dentre outras orientações contidas no LdC, conduzimos a busca por artigos empíricos, teórico-conceituais ou de revisão de literatura em quatro bases de dados: Web of Science (coleção principal), Scopus, SciELO e Portal de Periódicos da Capes (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, do Brasil).

As buscas nas quatro bases retornaram 214 artigos, dos quais 50 foram selecionados para compor a amostra da RSL por atenderem aos critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos. Entre as pesquisas selecionadas, 20 foram encontradas na Web Of Science, 17 no Portal de Periódicos da Capes, nove na Scopus e quatro na SciELO. Recomendamos a consulta ao LdC nos materiais complementares, no qual estão detalhados os diversos passos e decisões do presente estudo, desde a busca à análise dos artigos.

Ao final da codificação, contatamos as (os) autores (as) dos estudos para submeter a nossa identificação das nomenclaturas, reportar-lhes e discutir com eles e elas a dispersão conceitual identificada, a partir do seguinte questionamento (aqui ajustado para uma das nomenclaturas específicas): “Como você definiria ‘arranjos alternativos às corporações de mídia’ e quais seriam os critérios para que uma iniciativa jornalística seja considerada um arranjo alternativo às corporações de mídia? (caso prefira sugerir outra nomenclatura, pedimos que também apresente uma definição e os critérios para que um projeto jornalístico possa ser identificado desta maneira)”.

Além dos (das) autores (as) dos artigos que compuseram a amostra de nossa RSL, também contatamos outros investigadores acadêmicos que fizeram parte de nossas leituras durante a construção desse estudo. Obtivemos a participação efetiva de 17 especialistas de sete países latino-americanos: Argentina, Brasil, Colômbia, Cuba, Equador, México e Peru, conforme a tabela 01. Destacamos os benefícios epistemológicos destes diálogos, uma vez que “se tratam das fontes que possuem mais domínio intelectual sobre as pesquisas e, portanto, seus insumos garantem uma precisão dificilmente alcançável por outrem” (Lycarião et al., 2023, p. 9).

Tabela 1

Especialistas que contribuíram para o debate sobre a dispersão conceitual

Pesquisador	Instituição e país	Tipologia
Claudia Nonato	Universidade de São Paulo (Brasil)	Arranjos Jornalísticos
Afonso de Albuquerque	Universidade Federal Fluminense (Brasil)	Jornalismo Alternativo
Isaías José Molina Jácome	Universidad de Santander (Colômbia)	Jornalismo Alternativo
Cicilia M.Krohling Peruzzo	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil)	Jornalismo Alternativo, Jornalismo Comunitário e Jornalismo Independente
Maria del Carmen Fernández Chapou	Tecnológico de Monterrey (México)	Jornalismo Alternativo

Pesquisador	Instituição e país	Tipologia
Natalia Vinelli ¹	Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe (Argentina)	Jornalismo Alternativo
Juan Daniel Montaña Rico	Universidad Nacional Autónoma de México (México)	Jornalismo Alternativo
Paola Consuelo Ladino Marin	Universitaria Agustiniiana (Colômbia)	Jornalismo Comunitário
Daniel Valdivieso Solórzano	Universidad San Gregorio de Portoviejo (Equador)	Jornalismo Comunitário
Mauro Marino-Jiménez	Universidad San Ignacio de Loyola (Peru)	Jornalismo Independente
Abel Somohano Fernández	Universidad de la Comunicación (México)	Jornalismo Independente
Cosette Celecia Pérez	Universidad Nacional Autónoma de México (México)	Jornalismo Independente
Vanessa Costa de Oliveira	Universidade de Santa Cruz do Sul (Brasil)	Jornalismo Independente
Carlos Manuel Rodríguez Archavaleta	Universidad Iberoamericana (México)	Jornalismo Independente
Raquel Aparicio	Universidad Veracruzana (México)	Jornalismo Independente
Raquel Paiva	Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)	Jornalismo Comunitário
Guilherme Carvalho	Centro Universitário Internacional-Uninter (Brasil)	Jornalismo Alternativo

Esta pesquisa se fundamenta no ponto de vista acadêmico sobre iniciativas jornalísticas que se percebem como praticantes de um jornalismo que relativiza cânones tradicionais, como a objetividade e a neutralidade, posicionando-se como “outra discursividade sobre o real” (Patrício & Santana, 2023, p. 156). Pretende-se, diante dos limites deste artigo e em conformidade com suas questões de pesquisa, em um outro momento, dar continuidade à investigação a partir do ponto de vista das próprias iniciativas de jornalismo. Para isso, analisaremos os textos de apresentação e políticas editoriais de organizações jornalísticas elegíveis no universo de 265 iniciativas identificadas como amostras empíricas dos 50 artigos que compõem a RSL.

**4 Cinco tipologias de ‘outro jornalismo possível’
na América Latina**

Conforme a tabela 02, apresentada a seguir, observamos que Jornalismo Independente e Jornalismo Alternativo são os termos mais usuais nos estudos sobre o jornalismo para além da imprensa convencional. Percebemos que todos os termos são normalmente conceituados e discutidos nas seções teóricas dos artigos, inclusive conduzindo os pesquisadores para acesso a outras fontes e autores.

Isto pode ser um indicativo de que, por mais que sejam apontados como termos controversos e imprecisos, independente e alternativo cristalizam-se nos estudos de jornalismo como correntes subjacentes. No entanto, é importante reconhecer que um termo ou expressão não tem a mesma conotação para todos os autores e contextos. A noção de “Comunicação e emancipação”, proposta por Villamayor (2022), não foi considerada uma tipologia devido a sua baixa recorrência (n=1), porém os apontamentos propostos no artigo teórico-conceitual em questão perpassam as tipologias. A seguir, nos detemos na caracterização de cada uma dessas tipologias.

Tabela 2
Quantidade de artigos por tipologia

Tipologia	Nº de artigos	%
Jornalismo Independente	23	46%
Jornalismo Alternativo	13	26%
Arranjos Jornalísticos	5	10%
Jornalismo Comunitário	4	8%
Jornalismo das Periferias	4	8%
Comunicação e Emancipação	1	2%
Totais	50	100%

a) Arranjos jornalísticos

Arranjos se referem a novos modos de organização e produção jornalística que se distanciam das maneiras como o jornalismo tem sido historicamente praticado. Como uma resposta à propalada crise do jornalismo convencional, os arranjos jornalísticos propõem formas criativas e inovadoras de produção, gestão e sustentabilidade da atividade de notícias em um ambiente midiático cada vez mais incerto (Dancosky et al., 2021; Grohmann et al., 2019).

Representam, portanto, “efetiva alternativa de trabalho e emprego” (Figaro et al., 2021, p. 19) perante um cenário de precarização e retração de oportunidades profissionais no campo. Os arranjos jornalísticos são caracterizados principalmente pela flexibilidade nas relações de trabalho e pela autonomia dos profissionais neles envolvidos (Grohmann et al., 2019). “Nesse ‘arranjar’ cabe a constituição de empresas, associação, conjunções de microempreendedor individual ou outras formas não prescritas que sustentam a produção noticiosa” (Claudia Nonato, entrevista concedida, 2 de outubro de 2024).

A flexibilidade e a descentralização dos processos produtivos é um dos traços marcantes dos arranjos, qualificadores percebidos tanto nas relações de trabalho como nos modelos organizacionais (Lago et al., 2022). As iniciativas também são caracterizadas pela criatividade e inovação em dimensões como financiamento, circulação de notícias e nas formas como lidam com seus públicos. A construção de uma comunidade a partir de nichos específicos (Dancosky et al., 2021) repercute esses fatores. Isto reflete a existência de iniciativas de jornalismo que atuam em causas – educacionais, com perspectiva de gênero ou em defesa do meio ambiente, como exemplos.

Outras duas características são a incorporação de tecnologias digitais e os desafios contemporâneos referentes à sustentabilidade financeira dos empreendimentos jornalísticos. No aspecto tecnológico, os arranjos jornalísticos adotam especialmente as plataformas de mídia social para propagação de seus conteúdos jornalísticos. Tal atributo é observado mesmo considerando que esses tipos de suportes para distribuição e consumo de conteúdos dos mais variados são apontados como uma das causas principais da precarização profissional (Nieborg & Poell, 2018). Quanto aos fatores financeiros, parte considerável dos arranjos jornalísticos não obtém sustentação financeira regular apesar de seu potencial

inovador e criativo, de modo que a incerteza em relação à viabilidade financeira é uma questão central para estas iniciativas (Silveira & Ramos, 2022).

b) Jornalismo Alternativo

Na avaliação da investigadora argentina Natalia Vinelli (entrevista concedida, 11 de novembro de 2024), “a comunicação alternativa, na realidade, é mais uma noção do que um conceito”, cujas “diferenças de ênfases e de matrizes têm a ver com os projetos de cada um dos meios de comunicação”. Do ponto de vista do pesquisador brasileiro Guilherme Carvalho (entrevista concedida, 2 de outubro de 2024), para quem a dispersão conceitual “remete a um problema de fundo epistemológico”, mais importante do que as nomenclaturas, é preciso considerar os contextos nos quais as iniciativas estão inseridas. “Há um mundo de variáveis que precisam ser consideradas em cada caso e em cada contexto”.

Iniciativas inseridas neste tipo ideal são caracterizadas principalmente pela abordagem crítica e compromisso com a transformação de determinadas realidades sociais. Na América Latina, esse tipo de jornalismo é historicamente vinculado a movimentos sociais, práticas de resistência, situações ou sujeitos marginalizados, em busca de fornecer uma alternativa a discursos considerados totalizadores. No amplo campo da comunicação, emerge no continente latinoamericano, entre os anos 1970 e 90, uma tradição de pesquisa acadêmica denominada “alternativista”, preocupada em “como gerar alternativas à comunicação dominante” (Kaplún, 2013, p. 71).

A expressão “Jornalismo Alternativo” – e suas variantes – é frequentemente criticada pela ambiguidade que o termo “alternativo” carrega devido a sua natureza relacional, que decorre, majoritariamente, da contraposição aos meios de comunicação comerciais, políticos e estatais. De tal maneira que suas práticas políticas de contestação assumem diferentes interpretações a depender do contexto em que existem (Waisbord, 2022). Afonso de Albuquerque (entrevista concedida, 30 de setembro de 2024) argumenta que “o conceito de alternativo é necessariamente relacional e, portanto, se define em oposição a outra coisa”.

Argumenta-se, por conseguinte, que poderiam existir mais de uma modalidade de Jornalismo Alternativo com base no espectro político-ideológico: um progressista, outro conservador, e até mesmo

fascista. As especificidades de cada microcategoria dentro da tipologia passam pelo entendimento do que motiva seus produtores e também seus públicos, o que não parece um campo de pesquisas ainda consolidado. Esta percepção de Jornalismo Alternativo progressista ou conservador tem como fundamento perspectivas normativas e democráticas (Strömbäck, 2023).

De suas políticas de contestação (Waisbord, 2022), emerge uma das características mais evidentes do Jornalismo Alternativo, o privilégio à autonomia editorial que lhe permite desenvolver práticas de resistência ao poder em relação a governos, grandes conglomerados midiáticos e setores econômicos dominantes. As iniciativas buscam a autonomia “pois não comungam das mesmas visões políticas e ideológicas desses atores” (Cicilia Peruzzo, entrevista concedida, 14 de março de 2024).

Em países com regimes políticos autoritários ou democracias fragilizadas, como Cuba e México (conforme pesquisa à época), as iniciativas jornalísticas alternativas se posicionam como ferramentas de resistência contra a censura e a manipulação da informação (Marino-Jiménez et al., 2023). Isto é feito abordando-se temáticas que, com frequência, não encontram espaço na imprensa convencional (Chapou, 2023; Rodríguez & Pérez, 2022). O contraponto também ocorre em iniciativas desenvolvidas por mulheres em espaços majoritariamente ocupados por homens, como o jornalismo esportivo (Lima et al., 2022).

O compromisso com a justiça social é outro qualificador do Jornalismo Alternativo, mediante a defesa de direitos humanos, dentre os quais a informação e a promoção de transformações sociais. O foco se dá em ressoar as demandas de comunidades ou causas marginalizadas, como os direitos das mulheres, das minorias étnicas e a luta contra as diversas violências. A ênfase na justiça social é um dos critérios apontados por Chapou para enquadrar uma experiência como Jornalismo Alternativo. “Ela se concentra em causas sociais, como os direitos humanos e a justiça, e atua como um meio de denúncia” (Maria del Carmen Chapou, entrevista concedida, 30 de setembro de 2024).

Outra característica que ressalta nesta tipologia é a participação coletiva, como estabelecimento de estruturas organizacionais horizontalizadas. Em muitos casos, a produção jornalística decorre de forma colaborativa com a participação ativa de uma comunidade envolvida na elaboração de informações. “De

modo geral, esses coletivos constituem-se em espaços menos hierarquizados e mais descentralizados, recorrendo muitas vezes a práticas voluntárias que suprimem contratos formais ou remuneração oficial de trabalho” (Andrade & Pereira, 2022, p. 68). “Trata-se de um jornalismo que foca em dar voz às comunidades subrepresentadas, comprometido com a mudança social e os direitos fundamentais, especialmente a liberdade de expressão” (Chapou, entrevista concedida, 30 de setembro de 2024).

Talvez por este motivo, iniciativas de Jornalismo Alternativo se caracterizam pelo rompimento com formatos jornalísticos tradicionais, além de experimentação na produção e distribuição de informações. Este jornalismo pode empregar linguagens, narrativas e modos de organização que escapam às convenções jornalísticas. Isso abarca desde a apropriação de novas tecnologias e plataformas digitais até a exploração de novos gêneros e formatos jornalísticos (Rico, 2020), o que pode aproximar a produção jornalística e favorecer a contribuição de colaboradores não profissionais.

Uma característica distintiva do Jornalismo Alternativo diz respeito à combinação entre jornalismo e ativismo, de tal modo que “a fronteira entre jornalismo e ativismo político é difusa ou borrosa” (Isaías Molina, entrevista concedida, 5 de janeiro de 2024). Em contraste à apregoada objetividade jornalística, muitas das iniciativas alternativas adotam posicionamentos em relação a causas sociais e políticas. A adoção de um jornalismo mais engajado conduz a uma cobertura mais militante e que recusa a objetividade tradicional.

c) Jornalismo Comunitário

O Jornalismo Comunitário é compreendido como atividade jornalística que direciona o foco para as necessidades de uma comunidade específica, seja ela territorial ou identitária, promovendo uma alternativa à centralização alcançada pelos grandes meios de comunicação. A tipologia tem sido empregada para “qualificar o conjunto das experiências de comunicação do âmbito dos movimentos sociais, comunidades e outras organizações não governamentais e iniciativas da sociedade civil, sem fins lucrativos e de caráter emancipatório” (Peruzzo, entrevista concedida, 14 de março de 2024). Exercer o jornalismo, no caso desta tipologia, passa pela compreensão de seu valor como mediador social, tanto para visibilizar aspectos negligenciados pela imprensa convencional

quanto para a criação de redes solidárias de mobilização social (Montoya & Valencia, 2019).

Uma característica fundamental do Jornalismo Comunitário reside no fato de as iniciativas jornalísticas serem desenvolvidas com, pela e para a comunidade. Ou seja, os processos de produção da comunicação e, mais especificamente, do jornalismo, pertencem às comunidades “do ponto de vista do controle, produção de conteúdos e gestão, indicando, portanto, que há distinção do alternativo que tem assumido características um tanto distintas” (Peruzzo, entrevista concedida, 14 de março de 2024). Isto significa que esta tipologia “faz frente à produção midiática na medida em que se trata de uma proposta que é de produção de uma narrativa totalmente de interesse da própria coletividade, realizada por ela e para ela” (Raquel Paiva, entrevista concedida, 2 de outubro de 2024).

Além disso, esse tipo de jornalismo não somente trata sobre a realidade de comunidades outrora alijadas do circuito jornalístico, mas atua como um agente de transformação social (Solórzano, 2017). Isto ocorre, por exemplo, pelo estímulo à organização e mobilização comunitária na busca por solucionar problemas coletivos. O Jornalismo Comunitário “é o momento em que o jornalista resolve expor uma visão real de uma localidade por meio de qualquer gênero jornalístico” (Triviño et al., 2021, p. 45).

A identidade comunitária é outro fator-chave desta tipologia, uma vez que o que ocorre na comunidade é ponto de partida e destino da produção de notícias. Assim, a identidade cultural existente nessas localidades, compostas por valores, tradições e símbolos, desempenha uma função preponderante na construção da narrativa jornalística comunitária, a ponto de fortalecer o sentido de pertencimento e a coesão social. Em suma, o Jornalismo Comunitário consiste em uma “comunicação de resistência e que, ao mesmo, compartilha de movimentos proativos no sentido de reivindicar mudanças e o reconhecimento de direitos por parte de setores subalternizados” (Peruzzo, entrevista concedida, 14 de março de 2024).

d) Jornalismo Independente

O Jornalismo Independente representa uma vertente crítica do jornalismo que se destaca por perseguir a autonomia editorial e financeira, com a desvinculação de grupos empresariais e do controle político ou estatal. A tipologia é particularmente relevante em contextos de crise democrática e concentração midiática, favorecendo narrativas

autônomas e resultantes de reportagens investigativas. Iniciativas dessa natureza se tornaram necessárias “para contrabalançar a falta de objetividade dos meios de comunicação oficiais, que estão sob pressão de grupos de poder” (Marino-Jiménez et al., 2023, p. 2). A percepção do ‘independente’ como defesa da objetividade reforça a ideia da diversidade de percepções do jornalismo pelo contexto no qual ele está inserido.

Tal maneira particular de praticar o jornalismo é percebida como outra atividade jornalística possível perante ecossistemas midiáticos profundamente marcados por uma diversidade informativa limitada pela forte concentração midiática, como ocorre na América Latina (Becerra & Mastrini, 2017). Iniciativas independentes propõem tratar de temas relacionados aos direitos humanos, justiça social e promoção de uma cidadania não somente informada, como ativa. Isto é feito mediante a cobertura de temas frequentemente negligenciados que se transformam em nichos para iniciativas independentes, tais como questões de gênero, meio ambiente, desigualdade social e violência estatal (Rocha & Dancosky, 2018; Lima et al., 2022).

No Jornalismo Independente também prevalece uma contraposição aos meios de comunicação empresariais e estatais que “não mantêm interações com suas audiências ou públicos a ponto de ser possível dizer em sentido estrito que existe comunicação” (Raquel Aparicio, entrevista concedida, 8 de novembro de 2024). Esta compreensão evidencia um sentido para a noção de independência que caracteriza as iniciativas, embora isto não pareça evidente ou consensual (Patrício, 2020). A priorização dada à independência resulta na autonomia editorial e financeira, uma das características centrais da tipologia.

Os veículos buscam se desvencilhar de influências políticas ou econômicas que interfiram na sua produção. Isto reflete diretamente nas estratégias de financiamento das iniciativas, algumas delas distintas do que é praticado na imprensa convencional, como financiamento coletivo, doações de audiências, recursos de fundações internacionais, entre outras. Para Vanessa Oliveira (entrevista concedida, 3 de outubro de 2024), “trata-se de um jornalismo profissional feito fora das redações tradicionais, com autonomia para definição de pautas e suas abordagens, com uma agenda aberta”.

Oliveira (2024) enfatiza a existência de uma multiplicidade de entendimentos sobre o Jornalismo Independente, “assim como

um conjunto de pesquisadores que optou por não adotar esta nomenclatura justamente pela falta (ou suposta falta) de critérios” (Oliveira, entrevista concedida, 3 de outubro de 2024). Ela mesma diz ter adotado outras terminologias em pesquisas anteriores, como “novas experiências jornalísticas”, justamente por não se sentir segura, em meio a tantas definições diferentes”. A escolha, em tese de doutorado (Oliveira, 2021), pela expressão “Jornalismo Independente” se deu a partir da autodenominação, como jornalistas independentes, de profissionais que atuam e conduzem tais iniciativas.

Outro pesquisador consultado enfatiza quatro critérios que nos permitem falar de Jornalismo Independente: “Representatividade, com relação à amplitude de cobertura e atenção às necessidades do público; colaboração, com o público ou instituições que protegem a liberdade de imprensa; diversidade de pontos de vista; e verificação de conteúdo” (Mauro Marino-Jiménez, entrevista concedida, 5 de janeiro de 2024).

O Jornalismo Independente, a partir dessas percepções, é predominantemente nativo digital, o que facilita a produção e disseminação de conteúdos em um ambiente mais acessível e com menor custo (Oliveira & Felippi, 2023). Em um ambiente midiático digital cada vez mais fragmentado, muitas iniciativas priorizam conteúdos direcionados para nichos específicos, como a cobertura de questões ambientais, de gênero ou de direitos de minorizados, que não recebem a mesma atenção da mídia convencional (Díaz-Cerveró et al., 2024). O formato especializado possibilita maior aprofundamento e contextualização de temas, favorecendo o jornalismo investigativo, que busca oferecer uma análise mais completa e fundamentada.

Estudos ponderam a existência de uma preocupação com “(...) uma crescente promiscuidade entre os poderes econômicos, políticos e midiáticos e o controle governamental sobre a informação” (Tejedor et al., 2022, p. 20). O caráter contra-hegemônico é especialmente visível em temas sensíveis, onde o Jornalismo Independente busca expor questões que desafiam os poderes políticos e econômicos estabelecidos.

Na avaliação de Cosette Celecia Pérez, os jornalistas independentes estabelecem elementos de semelhança e distinção de seus pares de outras tipologias ou modalidades de jornalismo, “e, a partir de referentes e ideais específicos em torno da profissão, vão moldando modos de funcionamento e narrativas” (Pérez, entrevista concedida, 4 de março de 2024). Analisando a realidade cubana, Abel

Somohano Fernández (entrevista concedida, 20 de janeiro de 2024) ressalta que o Jornalismo Independente “(...) remete a uma separação deste tipo de prática profissional da estrutura central midiático-partidista no sistema de meios na ilha”.

e) Jornalismo das Periferias

O Jornalismo das Periferias busca responder lacunas deixadas pela cobertura (ou a falta desta) das comunidades periféricas pela imprensa convencional. O sentimento evidenciado pelas iniciativas inseridas na tipologia é de que o tratamento jornalístico, quando existe, baseia-se em estereótipos que não condizem com a diversidade experienciada nestes territórios. Por essa razão, o Jornalismo das Periferias, assim como outros modelos, também instaura “elementos de contraposição ao jornalismo convencional” (Patrício, 2023, p. 90) desafiando os relatos mais comuns feitos pelas lentes da imprensa comercial (Rovida, 2020).

Iniciativas jornalísticas das periferias promovem uma cobertura mais abrangente e diversificada, além de retratar as pluralidades e especificidades dos territórios e seus moradores, numa produção jornalística associada à transformação social (Patrício, 2023). Rovida (2020, p. 15) define o Jornalismo das Periferias como “um jornalismo profissional produzido por sujeitos periféricos (...) que narram a polifonia e a polissemia dos territórios distanciados física e socialmente dos centros estruturados da metrópole”.

Entre suas características, o Jornalismo das Periferias destaca-se pela ênfase na diversidade de narrativas. Ao contrário da cobertura convencional, que frequentemente reduz os territórios periféricos a um cenário de violência e ampla escassez social, este modelo de jornalismo busca retratar a complexidade nas periferias, sendo uma ferramenta para uma variedade de vozes e perspectivas que representam as diversas experiências e realidades locais.

Outra característica marcante do Jornalismo das Periferias é a proximidade dos jornalistas com a comunidade. A atuação profissional com o Jornalismo das Periferias se dá pela estreita identificação dos jornalistas com o território periférico. “Esse outro olhar periférico do jornalismo independente traz a realidade das margens, das bordas, das quebradas, mas sob a perspectiva de quem vive esse real” (Patrício, 2023, p. 156). Muitos profissionais que fazem esse jornalismo moram nas próprias comunidades, o

que lhes permite construir narrativas que eles próprios vivenciam (Javorski & Bargas, 2020). Isso reforça a ideia de que o Jornalismo das Periferias não é um mero reflexo externo da comunidade, mas sim um processo ativo de construção coletiva da narrativa que se dá “de dentro para dentro” (Patrício, 2023). Essa “forma de experimentar a cena real (...) de perceber a realidade com todos os poros” (Rovida, 2020, p. 16), além de poética, enfatiza que “o ato de relação do jornalista com seu povo ocorre na comunhão e não na rejeição” (Medina, 2006, p. 86).

A criação de espaços de diálogo que envolvem tanto o público das periferias quanto outros setores da sociedade distingue o Jornalismo das Periferias de outras práticas. Embora o foco principal das produções seja a população periférica, as iniciativas jornalísticas das periferias também atraem públicos externos aos seus territórios, promovendo um intercâmbio de perspectivas e contribuindo para a construção de pontes entre diferentes públicos (Rovida, 2020).

A tabela 3, a seguir, sintetiza as propostas de definições e as características para cada um dos cinco modelos de jornalismo, conforme sistematização das descobertas em nossa revisão sistemática de literatura e no contato com pesquisadores:

Tabela 3

Definições e características das tipologias de jornalismo na América Latina

Propostas de definições	
Arranjos Jornalísticos	Referem-se a novos modos de organização, produção e sustentabilidade da atividade jornalística que se distanciam das maneiras como o jornalismo tem sido historicamente praticado.
Jornalismo Alternativo	Apresenta-se como uma prática jornalística que emerge em oposição aos meios de comunicação considerados hegemônicos, promovendo uma alternativa jornalística ou mesmo uma contraposição de narrativas convencionais.
Jornalismo Comunitário	Constitui uma atividade jornalística que direciona o foco para as necessidades de uma comunidade específica, seja ela territorial ou identitária, promovendo uma alternativa à centralização alcançada pelos grandes meios de comunicação.
Jornalismo Independente	Representa uma vertente crítica do jornalismo que se distancia de influências corporativas, estatais e políticas, pautada pela autonomia editorial e com um forte compromisso com o interesse público.

Jornalismo das Periferias	Expressa uma resposta às lacunas deixadas pela imprensa convencional de não tratar temas das periferias ou de retratá-las mediante estereótipos que não condizem com a diversidade experienciada nestes territórios, promovendo uma comunicação emancipadora e dialógica
Características principais	
Arranjos Jornalísticos	Resposta à precarização profissional Flexibilidade e a descentralização dos processos produtivos Criatividade e inovação Construção de uma comunidade a partir de nichos específicos Incorporação de tecnologias digitais
Jornalismo Alternativo	Independência editorial e resistência ao poder Compromisso com a justiça social Participação comunitária e estruturas horizontais Rompimento com formatos tradicionais e experimentação Combinação de jornalismo e ativismo
Jornalismo Comunitário	Práticas de jornalismo desenvolvidas com, pela e para a comunidade Agente de transformação social Cobertura jornalística que se distancia dos grandes centros urbanos Identidade comunitária
Jornalismo Independente	Autonomia editorial e financeira Compromisso com direitos humanos e justiça social Produção digital e enfoque em nichos Resistência e crítica ao modelo convencional de jornalismo Inovação em modelos de negócios e sustentabilidade
Jornalismo das Periferias	Pluralidade de vozes e perspectivas Proximidade com a comunidade e participação ativa Cobertura de temas relevantes para a comunidade Criação de espaços de diálogo e inclusão Superação dos estereótipos midiáticos

5 Considerações finais

A identificação de uma forte dispersão conceitual foi o ponto de partida desta pesquisa, resultado da diversidade de terminologias usadas para nomear iniciativas que propõem novos modos de percepção e prática da atividade jornalística.

Muitas percepções e práxis adotadas pelas iniciativas contrastam com alguns cânones estabelecidos pelo jornalismo, como a neutralidade e a objetividade diante dos acontecimentos narrados. Tais posicionamentos não são exclusivos dos cinco modelos aqui propostos. O jornalismo, incluindo a imprensa convencional, sempre adotou posicionamentos orientados, mesmo quando se

autoproclama imparcial, isento ou neutro (Moraes, 2023). A rejeição aos ideais de neutralidade e objetividade tem sido um elemento cada vez mais comum nas iniciativas jornalísticas que visam a novos modelos de jornalismo. Ao contrário, elas assumem abertamente um compromisso com determinadas camadas sociais e causas. O ethos profissional, então, é questionado, de modo que, “no contexto do novo ecossistema jornalístico, a tomada de posição passa a ser um valor a ser perseguido, e não mais uma transgressão deontológica” (Barsotti & Vieira, 2023, p. 1).

Neste sentido, torna-se imperativo, para futuras pesquisas, o reconhecimento da dispersão conceitual existente em torno de iniciativas que adotam discursos voltados para um jornalismo mais posicionado, engajado, militante, contestador, ativista etc. A proliferação de portais de ultradireita demonstra que autorrepresentações de iniciativas como ativistas, alternativas ou independentes podem ser cooptadas para fins ideológicos e de desinformação. São propostas que instrumentalizam o discurso jornalístico para, dentre outros propósitos, exaltar a figura de um “herói nacional”, auxiliando na legitimação social de figuras políticas como Jair Bolsonaro. Ao fazerem isso, suavizaram ou ocultaram “seus discursos impregnados de autoritarismo e princípios fascistas, fomentaram a intolerância e a violência contra as minorias e os ‘inimigos declarados’” (Weber, 2024, p. 220).

Estes são exemplos de instrumentalização do discurso e da práxis jornalísticos que diferem profundamente das concepções de jornalismo (engajado, de causas, ativista) que este artigo analisa. Na tipologia aqui proposta, os cinco modelos identificados, embora apresentem tais características, fazem-no sob a perspectiva da defesa dos direitos humanos, do adensamento democrático, da justiça social e territorial, do rigor na construção narrativa, e não da subversão da informação.

É fato que a pesquisa acadêmica, trazida por essa revisão de literatura, reflete certa ‘tradição’ na pesquisa do campo, concretizada pela proeminência de determinados ambientes de investigação que também funcionam como ‘centros de poder’. A existência de condições infraestruturais (financiamento e disseminação das pesquisas, por exemplo) pode favorecer que determinada tipologia, por ser utilizada por grupos de pesquisa ‘privilegiados’ por esses contextos, consiga se sobressair.

É possível notar, ainda, que não são somente as fronteiras do

jornalismo que passam por alargamento, mas a cultura profissional jornalística que tem sido ressignificada. “Estruturada pelos princípios positivo-funcionalistas, esta codificação propõe-se uma forma eficiente de comunicação coletiva, mas vive a contradição de um discurso muito pouco interativo” (Medina, 1995, p. 177). Elas constituem efetivo ambiente de trabalho jornalístico profissional, ao mesmo tempo em que são observadas como alternativas a ambientes laborais verticalizados e opressivos (Patrício, 2024), o que se converte em um sentimento de pertencimento a estes outros modelos de jornalismo.

Quanto ao que as diferencia, notamos que as pesquisas circunscritas à tipologia Arranjos Jornalísticos direcionam o olhar para os modos de organização e sustentabilidade dos coletivos; as experiências alternativas percebem o jornalismo como uma prática e um contraponto ao jornalismo tal como historicamente percebido e praticado pela imprensa convencional; os projetos comunitários ajustam o foco para a apropriação dos meios de comunicação como uma ferramenta de emancipação social; os coletivos independentes não se contentam apenas em contestar a imprensa convencional, mas tensionam alguns pressupostos tradicionais, buscando desenvolver uma vertente crítica do jornalismo para além do distanciamento objetivista; as iniciativas das periferias, por fim, respondem à lacunas da cobertura (estereotipada ou ausente) da imprensa convencional sobre as periferias.

Por outro lado, é possível atestar atributos que atravessam os modelos de jornalismo contribuindo, inclusive, para não percebê-las como categorias estanques, reduzidas em si mesmas. De maneira especial, destaca-se o contraponto entre o signo da difusão e o signo da relação (Medina, 2006), este último com o potencial de concretizar efetivas comunicações e mediações balizadas pela “interação social criadora” (Medina, 2006, p. 15). As concepções sobre os territórios também estão presentes em mais de uma tipologia, a ponto de podermos inferir a existência de um Jornalismo Independente das Periferias. Outros atravessamentos são: a busca pela autonomia editorial, a diversificação de fontes de financiamento, maior envolvimento com os públicos, a busca pela transformação das realidades sociais e pela garantia de direitos humanos básicos, dentre outras.

Práticas ativistas se manifestam como um “posicionamento” que atravessa os tipos-ideais de jornalismo, em especial o

Alternativo, o Independente e o das Periferias. Segundo Moraes (2023), trata-se de uma “prática político-reflexiva” e um “agir consciente” que pode ser realizado por jornalistas, mesmo que não seja publicamente anunciado, e que prescinde da conexão com grupos ou entidades, conferindo maior independência. Este posicionamento busca superar a suposta neutralidade que, na prática, muitas vezes mascara interesses e reforça estruturas de poder. Conforme os atributos apresentados nesta investigação, as iniciativas evitam as armadilhas da instrumentalização da informação se pautando por alguns princípios que retomam e reforçam a ética e o rigor profissional.

Portanto, ao abordar práticas jornalísticas posicionadas (engajadas, ativistas, militantes etc.), este artigo enfatiza a vertente ética e profissional que busca intervir na realidade social para promover valores democráticos e direitos fundamentais, mantendo o rigor investigativo e a transparência, e distinguindo-se claramente da instrumentalização da informação para propaganda ideológica ou desinformação. A intenção é sublinhar que o engajamento, quando pautado por uma “ética do cuidado” (Rodrigues & Aguiar, 2023) e uma “sensibilidade hacker” (Barsotti & Vieira, 2023) que “desestabiliza naturalizações no jornalismo” (Moraes, 2022), pode enriquecer a prática jornalística e contribuir para uma maior densidade democrática na esfera pública.

A não inserção das iniciativas e dos profissionais que delas fazem parte para discutir a dispersão conceitual é uma limitação do estudo, a ser dirimida na fase seguinte desta pesquisa. Coletivos e atores que demarcam o cotidiano das experiências jornalísticas serão ouvidos, adotando-se uma abordagem teórico-metodológica baseada na relação “sujeito-sujeito”. As iniciativas têm muito a dizer sobre as formas como percebem e praticam estes tipos de jornalismo possíveis. Também com elas queremos estabelecer relações dialógicas em vez de uma decifração e distribuição unilateral de conhecimentos. Acreditamos nos ganhos epistemológicos advindos deste contato.

NOTAS

- 1 Original: “Instead, it gives the user a general sense of reference and guidance in approaching empirical instances” (Blumer, 1954, p. 7).
- 2 Termos de busca: “jornalismo Independente” OU “jornalismo Alternativo” OU “jornalismo comunitário” OU “jornalismo das periferias” OU “jornalismo periférico” OU “arranjo jornalístico” OU “periodismo independiente” OU “periodismo alternativo” OU “periodismo comunitario” OU “periodismo de periferias” OU “periodismo de las periferias” OU “periodismo periférico” OU “arreglos periodísticos” OU “independent journalism” OU “alternative journalism” OU “community journalism” OU “journalism of the peripheries” OU “peripheral journalism” OU “journalistic arrangements” OU “meios do terceiro setor” OU “medios del tercer sector” OU “third sector media”.
- 3 Disponível em: <https://encurtador.com.br/xnvTI>
- 4 O diálogo com a pesquisadora Natalia Vinelli se deu através de áudio pelo aplicativo WhatsApp, enquanto os demais autores foram contatados e responderam por e-mail.
- 5 Original transcrito de áudio: “En realidad, la comunicación alternativa es más una noción que un concepto. Tiene resonancias connotativas y justamente los adjetivos que se utilizan para nombrar este modo de la comunicación tiene que ver, más que nada, con diferencias de énfasis e de matiz que tiene que ver con los proyectos de cada uno de estas emisoras y medios de comunicación” (Vinelli, 2024).
- 6 Original: “Se enfoca en causas sociales, como los derechos humanos y la justicia, y actúa como un medio de denuncia” (Chapou, 2024).
- 7 Original: “Se trata de un periodismo que se enfoca en dar voz a las comunidades subrepresentadas, comprometido con el cambio social y los derechos fundamentales, especialmente la libertad de expresión” (Chapou, 2024).
- 8 Original: “La frontera entre periodismo y activismo político es difusa o borrosa” (Molina, 2024).

- 9 Original: “Es el momento en que el periodista resuelve exponer una visión real de una localidad, por medio de cualquiera de los géneros periodísticos, sea el caso a través de la radio, prensa escrita, periódico mural, televisión, etc.” (Triviño et al., 2021, p. 45).
- 10 Original: “First, in hybrid democracies the presence of independent journalism has become necessary to counteract the lack of objectivity of the official media, which are under pressure from power groups” (Marino-Jiménez et al., 2023, p. 2).
- 11 Original: “Representatividad (respecto de la amplitud de cobertura y atención de las necesidades del público), Colaboración (con el público e instituciones que protegen la libertad de expresión), Diversidad de puntos de vista, Verificación de contenido” (Marino-Jiménez, 2024).
- 12 Original: (...) growing ‘promiscuity among economic, political and media powers’ and governmental control over information” (Tejedor et al., 2022, p. 20).
- 13 Original: “y, a partir de referentes e ideales específicos en torno a la profesión, van moldeando modos de funcionamiento y narrativas” (Pérez, 2024).
- 14 Original: “(...) ha remitido a una separación de este tipo de práctica profesional de la estructura mediático-partidista central en el sistema de medios en la Isla” (Fernández, 2024).

REFERÊNCIAS

Ahva, L., & Steensen, S. (2019). Journalism Theory. In K. Wahl-Jorgensen & T. Hanitzsch (Org.), *The Handbook of Journalism Studies* (pp. 38- 54). Routledge.

Andrade, S., & Pereira, F. H. (2022). Uma nova utopia jornalística: Engajamento e gosto na Mídia NINJA (Brasil). *Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies*, 47(1), 67–98. DOI: 10.1080/08263663.2022.1996701

Barsotti, A., & Vieira, A. (2023). É POSSÍVEL UM JORNALISMO ATIVISTA?: As tensões no ethos profissional assentado na objetividade. *Brazilian journalism research*, 19(3), e1597. DOI: 10.25200/BJR.v19n3.2023.1597

Becerra, M. A., & Mastrini, G. N. (2017). *La concentración infocomunicacional en América Latina (2000-2015): nuevos medios y tecnologías, menos actores*. Universidad Nacional de Quilmes.

Blumer, H. (1954). What is Wrong with Social Theory? *American Sociological Review*, 19(1), 3–10. DOI: 10.2307/2088165

Braga, J. L. W. J. G. (2020). Teorias intermediárias: uma estratégia para o conhecimento comunicacional. *MATRIZes*, 14(2), 101–117. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v14i2p101-117

Chapou, M. D. C. F. (2023). El periodismo alternativo en México, una historia de resiliencia y adaptación constante. *Historia y Comunicación Social*, 28(2), 461–470. DOI: 10.5209/hics.89152

Dancosky, A. K., Mick, J., Paul, D. M., Luz, S. C. C. D., Costa Ramos, A. N., & Sousa, J. (2021). A serviço da comunidade, da causa ou do capital: Os arranjos jornalísticos alternativos às grandes corporações de mídia em santa catarina. *Brazilian journalism research*, 17(2), 336–375. DOI: 10.25200/BJR.v17n2.2021.1382

Díaz-Cerveró, E., Barredo-Ibáñez, D., & Pinto Garzón, K. T. (2024). Interactivity in the principal independent online media in Mexico (2023). *Anàlisi*, 70, 59–77. DOI: 10.5565/rev/analisi.3711

Figaro, R., & Nonato, C. (Orgs.). (2021). *Arranjos jornalísticos alternativos e independentes no Brasil: Organização, sustentação e rotinas produtivas*. Escola de Comunicações e Artes da USP.

Filho, E. P. de A., & Silva, N. R. (2019). TERRITORIALIDADE E ETHOS EM INICIATIVAS DE JORNALISMO INDEPENDENTE DO NORDESTE DO BRASIL. *Revista Brasileira De Gestão E Desenvolvimento Regional*, 15(4), 183–1995. Recuperado de <https://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/4851>

Freire, P. (2014). *Extensão ou comunicação?* Editora Paz e Terra.

Giddens, A., & Sutton, P. W. (2017). *Conceitos essenciais da sociologia*. SciELO-Editora UNESP.

Grohmann, R., Roxo, M., & Marques, A. F. (2019). Lugares de enunciação e disputas de sentido em relação ao trabalho jornalístico em arranjos alternativos às corporações de mídia. *Brazilian journalism research*, 15(1), 200–221. DOI: 10.25200/BJR.v15n1.2019.1079

Groth, O. (2011). *O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais*. Vozes.

Javorski, E., & Bargas, J. (2020). A informação sobre a Covid-19 nos

desertos de notícias: A relevância do jornalismo interior do Pará. *Liinc em Revista*, 16(2), e5339. DOI: 10.18617/liinc.v16i2.5339

Kaplún, G. (2013). "Viejas Y Nuevas Tradiciones En La Comunicación Latino Americana". *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 10(18), 66 – 76. Recuperado de <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/114>

Kaplún, M., & García, M. (1985). *El comunicador popular*. Ciespal.

Kikuti Dancosky, A., Mick, J., Paul, D. M., Luz, S. C. C. D., Costa Ramos, A. N., & Sousa, J. (2021). A serviço da comunidade, da causa ou do capital: Os arranjos jornalísticos alternativos às grandes corporações de mídia em santa catarina. *Brazilian journalism research*, 17(2), 336–375. DOI: 10.25200/BJR.v17n2.2021.1382

Kucinski, B. (2018). *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. Edusp.

Kuhn, T. (1978). *Revoluções Científicas*. Perspectiva.

Lago, C., Nonato, C., & Kazan, E. (2022). Questões de gênero na cobertura da covid-19 pela Agência Mural de Jornalismo das Periferias. *RuMoRes*, 16(32), 221–247. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2022.202133

Lima, C. A. R., Januário, S. B., & Leal, D. F. D. O. (2022). "Dibrando" a mídia hegemônica: A imprensa alternativa na propagação do futebol de mulheres. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 45, 1–23. DOI: 10.1590/1809-58442022116pt

Löffelholz, M., & Rothenberger, L. (2014). Continuum eclético, disciplina distinta ou subdomínio dos estudos de comunicação? Considerações teóricas e conclusões empíricas a respeito da disciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade dos estudos de jornalismo. *Brazilian journalism research*, 10(2), 54-79. DOI: 10.25200/BJR.v7n1.2011.283

Loosen, W., Ahva, L., Reimer, J., Solbach, P., Deuze, M., & Matzat, L. (2022). 'X Journalism'. Exploring journalism's diverse meanings through the names we give it. *Journalism*, 23(1), 39–58. DOI: 10.1177/1464884920950090

Lycarião, D., Roque, R., & Costa, D. (2023). Revisão Sistemática de Literatura e Análise de Conteúdo na Área da Comunicação e Informação: O problema da confiabilidade e como resolvê-lo. *Transinformação*, 35, 1–11. Recuperado de <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/10064>

Marino-Jiménez, M., Flores-Núñez, A.-M., Rojas-Noa, F.-O., & Vásquez-Espinoza, P. (2023). Independent Journalism for Hybrid Democracies: A Systemic Vision in Three Latin

American Countries. *Journalism Practice*, 19(7), 1–20. DOI: 10.1080/17512786.2023.2279341

Medina, C. C. A., & Greco, M. (1995). *Sobre vivências no mundo do trabalho*. CNPq.

Medina, C. (2006). *O signo da relação: comunicação e pedagogia dos afetos*. Paulus.

Meditzsch, E. (2010). Profissão derrotada, ciência não legitimada: é preciso entender a institucionalização do campo jornalístico. *Brazilian journalism research*, 6(1), 97–113. DOI: 10.25200/BJR.v6n1.2010.249

Montoya, Á. G., & Valencia, G. L. A. (2019). Periodismo comunitario: Apropiación, mediación y transferencia de medios. Diálogo de saberes entre Academia y colectivos de comunicación. *Estudios sobre el Mensaje Periodístico*, 25(2), 819–832. DOI: 10.5209/esmp.64810

Moraes, F. (2023). SOBRE QUE MILITANTES E ENGAJADOS ESTAMOS FALANDO?: Um olhar sobre a imprensa comercial brasileira e o posicionamento como estratégia jornalística. *Brazilian journalism research*, 19(3), e1609. DOI: 10.25200/BJR.v19n3.2023.1609

Nieborg, D. B., & Poell, T. (2018). The platformization of cultural production: Theorizing the contingent cultural commodity. *New media & society*, 20(11), 4275–4292. DOI: 10.1177/1461444818769694

Oliveira, V. C. D. (2021). *A configuração da forma cultural do jornalismo independente nos territórios latino-americanos* [tese de doutorado, Universidade de Santa Cruz do Sul]. Repositório Institucional UNISC.

Oliveira, V. C. D., & Felippi, Â. C. T. (2023). Jornalismo independente latino-americano: A configuração de uma forma cultural. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, 1(154), 119–138. Recuperado de <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/issue/view/193>

Patrício, E. (2020). Jornalismo e pandemia: Impactos da Covid-19 nas rotinas de produção do jornalismo independente do Ceará. *Pauta Geral – Estudos em Jornalismo*, 7(1), 1–18. Recuperado de <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/17060>

Patrício, E. (2023). Elementos de decolonialidade no jornalismo de olhar periférico sob a dimensão das territorialidades. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 22(42), 89–100. DOI: 10.55738/alaic.v22i42.981

Patrício, E. (2024). Relações de trabalho no jornalismo: O ambiente laboral em iniciativas independentes. *Pauta Geral*

- *Estudos em Jornalismo*, 11(2), 28–43. DOI: 10.5212/RevistaPautaGeral.v.11.23980

Patrício, E., & Santana, M. L. (2023). Cultura profissional: outras perspectivas a partir da atuação de jornalistas em iniciativas de jornalismo independente. In J.V. Barros, J. Nicoletti & S. P. Lima (Orgs.), *O trabalho de jornalistas no Brasil: Desigualdades, Identidades e Precariedades* (pp. 155 – 171). Editora Insular.

Patrício, E., & Batista, R. (2020). Elementos de identidade em iniciativas de jornalismo independente. *Revista Extraprensa*, 13(2), 217–231. DOI: 10.11606/extraprensa2020.153326

Patrício, E., & Batista, R. C. (2022). Transparência como indício de credibilidade em iniciativas de jornalismo independente—O caso Agência Pública. *Organicom*, 19(40), 267–278. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2022.188013

Rodríguez, G. G., & Celecia Pérez, C. (2022). Periodismo alternativo en contextos de violencia. Características y desafíos de dos experiencias situadas en México. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, 67(245), 75–103. DOI: 10.22201/fcpys.2448492xe.2022.245.77465

Rodrigues de Sousa, H. L., & Aguiar, S. (2023). O JORNALISMO ESPECIALIZADO E ENGAJADO DA REVISTA AZMINA: pautas feministas e interseccionais. *Brazilian Journalism Research*, 19(3), e1617. DOI: 10.25200/BJR.v19n3.2023.1617

Rico, J. D. M. (2020). A prática jornalística em uma rádio cidadã: Um estudo de caso no México. *Plural*, 27(2), 186–209. DOI: 10.11606/issn.2176-8099.pcsa.2020.172226

Rocha, P. M., & Dancosky, A. K. (2018). A diversidade de representações da mulher na cauda longa do jornalismo independente sobre gênero. *Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación*, (139), 389-408. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10469/15873>

Rovida, M. F. (2020). *Jornalismo das periferias: o diálogo social solidário nas bordas urbanas*. Editora CRV.

Sampaio, R. C., & Lycarião, D. (2021). *Análise de conteúdo categorial: Manual de Aplicação*. Escola Nacional de Administração Pública – Enap.

Silva, G. (2009). De que campo do jornalismo estamos falando? *Matrizes*, 3(1), 197-212. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v3i1p197-212

Silveira, S. C. D., & Ramos, A. N. C. (2022). Sustentabilidade de arranjos jornalísticos empreendedores no Brasil: Um estudo de sete nativos digitais. *Brazilian Journalism Research*, 18(2), 290–315. DOI: 10.25200/BJR.v18n2.2022.1496

Solórzano, D. Y. V. (2017). Características y vinculación de la identidad montuvia. Estudio de caso Maconta-Portoviejo. *Revista San Gregorio*, (17), 30-41. Recuperado de <https://revista.sangregorio.edu.ec/index.php/REVISTASANGREGORIO/article/view/399>

Strömbäck, J. (2023). "Political Alternative Media as a Democratic Challenge". *Digital Journalism*, 11(5), 880–887. DOI: 10.1080/21670811.2023.2178947

Tejedor, S., Cervi, L., & Tusa, F. (2022). Perception of journalists reporting in conflict zones: Labour situation, working conditions and main challenges in information coverage in contexts of violence. *Media, War & Conflict*, 15(4), 530–552. DOI: 10.1177/1750635220971004

Triviño, N. A. A., Tutivén, I. V. E., & Victoria Mas, J. S. (2021). El Periodismo comunitario en la provincia de Santa Elena, Ecuador: Análisis de Radio Amor y Sección "La Península", de Diario Súper. *IROCamm-International Review Of Communication And Marketing Mix*, 1(4), 43-53. DOI: 10.12795/IROCamm.2021.v01.i04.04

Villamayor, C. (2022). Comunicación y emancipación: Muchos mundos, diversidad de perspectivas. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, 1(149), 85–98. DOI: 10.16921/chasqui.v1i149.4699

Waisbord, S. (2022). "Alternative Media/Journalism and the Communicative Politics of Contestation". *Digital Journalism*, 10(8), 1.431–1.439. DOI: 10.1080/21670811.2022.2130385

Weber, S. (2024). Autorrepresentación de portales de noticias brasileños de la ultraderecha en el discurso periodístico autodefinido como independiente a partir del análisis crítico del discurso. *Estudios Políticos (Medellín)*, (70). DOI: 10.17533/udea.espo.n70a09

Weber, M., Gerth, H. H., Mills, C. W., Dutra, W., & Cardoso, F. H. (1982). *Ensaio de sociologia*. LTC.

ROBSON ROQUE. Jornalista e historiador, doutorando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, integrante do Grupo de Pesquisa Práxis no Jornalismo – PráxisJor. Professor do curso de Publicidade e Propaganda da Uninassau Juazeiro do Norte. Colaboração no artigo: leitura das referências da RSL; análise empírica; redação inicial do texto; discussão dos resultados e revisão final. E-mail: franciscorobsonpr@gmail.com

EDGARD PATRÍCIO. Jornalista, professor do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. Coordenador da Linha 3 de pesquisa do PPGCOM/UFC – Estudos em Jornalismo. Coordenador do grupo de Pesquisa Práxis no Jornalismo – PráxisJor. Organizador de Transformações no mundo do trabalho no jornalismo (2022), disponível em <https://insular.com.br/produto/transformacoes-no-mundo-do-trabalho-do-jornalismo/>. Colaboração no artigo: definição do escopo inicial e base metodológica; discussão dos resultados iniciais; revisão e aprovação da versão final. E-mail: edgard@ufc.br